

E PUR SI MUOVE ED È ROTONDO!

Giselle Rôças
giselle.rocas@ifrj.edu.br
orcid.org/0000-0002-1669-7725
Instituto Federal do Rio de Janeiro
(IFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

Todo mundo gosta de uma história, em especial, quando bem contada e cheia de mistérios. É nesse ambiente de imaginação e criatividade que deveríamos envolver nossos alunos em alguns momentos do ensino de ciências. Não defendo que todas as aulas sejam lúdicas, diferenciadas e/ou aulas-show, pois no nosso cotidiano profissional temos muitas burocracias e atividades repetitivas para fazermos. Compreendo, portanto, que mostrar que nem sempre o mundo é “colorido” integra nossa tarefa de professor.

Ainda assim, quero defender meu argumento primeiro: atiçar a curiosidade de nossos alunos. Chegar com uma frase diferente, em outro idioma, escrita no quadro, cria um burburinho. *E PUR SI MUOVE ED È ROTONDO!*

Pronto! Olhos vidrados, curiosidade despertada. Como fazer para manter esse estado de atenção? Esse tem sido nosso desafio atual. Em meio a tantas novidades tecnológicas e possibilidades de acesso à informação embarcadas num aparelho pequeno e ao alcance de um clique, precisamos nos reinventar como professores. Não somente no que tange à nossa didática e posicionamento em sala de aula, mas, principalmente, sobre a compreensão de quais conteúdos são essenciais, quais são importantes e quais são aqueles que podemos apontar pistas para que os alunos deem prosseguimento posteriormente.

Galileu Galilei foi confrontado por um tribunal inquisitório e defendeu seu ponto de vista, afirmando que a Terra se movia – *E pur si muove!*, gerando um estremecimento no geocentrismo que reinava há época. Se foi fato ou não, não vem ao caso. O importante é pegar o gancho da discussão, puxar o fio dessa meada e continuar com os conceitos que podem ser discutidos a partir daí. Nos dias atuais Galileu precisaria se revestir de mais coragem para assumir que além da Terra se mover em torno de si e do Sol, ela também é redonda – *E PUR SI MUOVE ED È ROTONDO!*

Os artigos presentes no atual número da “Ensino e Tecnologia em Revista” abordam aspectos distintos, mas estão relacionados a essa “cutucada” que estou dando aqui. Precisamos repensar nossos dados como resultados de pesquisa apenas. Precisamos avançar e buscar as escolas para parcerias e trocas efetivas (e também afetivas), para buscarmos saída para o obscurantismo que volta a reinar em nossa Sociedade e Educação, pois apartadas ambas não estão. O ensino de ciência, ao se aproximar do aluno, cria uma ponte compreensível, deixando de ser o placebo pedagógico já preconizado.

Recentemente fui interpelada por uma criança sobre sua dificuldade em decorar(!) o que é um clima equatorial. Primeiro ela custou a entender que não era necessário decorar, mas sim compreender. Cacei uma bola, liguei a lanterna do meu celular e comecei (com poucos recursos) a explicar o movimento da Terra e do Sol. Risquei a bola para explicar como se dá a incidência de luz, e ao nomear a linha do Equador, bum! Pareceu mágica! Acendeu uma luz e a criança falou: Equador,

equatorial, clima equatorial! Ah, é por isso então que faz calor intenso, que é úmido... Daí para o Trópico de Capricórnio, clima tropical, subtropical... foi um pulo. Ela entendeu. Algo “simples”, uma associação entre nomes e palavras. Não precisava mais decorar. Daí veio o insight seguinte: por que minha professora não ensina assim?

Porque sua professora tem 25-30 crianças em sala de aula, porque ela não tem essa compreensão toda (é uma criança de Ensino Fundamental I, com professores preparados de maneira superficial para ciências, geografia, história...), porque o livro didático deixa de ser apoio e passa a ser a única fonte de consulta, porque investem em treinamentos mil para novas tecnologias, cultura *maker*, robótica, *coding*, BNCC ..., mas não investem na formação inicial e continuada de professores de maneira a compreender e preencher as lacunas didáticas e conceituais. Porque tem tantos porquês, que me senti cansada. Mas não podemos cansar!

E já que é para “causar”: *Alea jacta Est!* Estamos juntos. Vamos encontrar mais pistas nesse e em outros volumes da “Ensino e Tecnologia em Revista”.

Recebido: 28 nov. 2019.

Aprovado: 29 nov. 2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.3895/etr.v3n2.11338>.

Como citar:

RÔÇAS, G.; Editorial. **Ens. Technol. R.**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 1-2, jul./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/etr/article/view/11338>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Giselle Rôças

Rua Lucio Tavares, 1045, Centro, Nilópolis, Rio de Janeiro, Brasil.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

